

Brasil e Auschwitz

Brazil and Auschwitz

ANDRÉ GUERRA COTTA
Universidade Federal Fluminense
agcotta@gmail.com

Resumo: O presente trabalho traz uma reflexão sobre os elementos nazifascistas manifestos em algumas ações do grupo político que atualmente ocupa a presidência do Brasil, as respostas críticas do campo artístico - especialmente dos chargistas - e a resposta autoritária do governo. Em seguida, o autor traz elementos existentes no Memorial e Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau e busca discutir a papel da arte como forma de manutenção da memória dos processos históricos e políticos vividos na ditadura militar (1964-1985) e para contrinuir ao movimento de resistência contra os atuais grupos neofacistas no Brasil.

Palavras-chave: Auschwitz. Brasil. Charge. Música. Neofascismo.

Abstract: The present work reflects on the Nazifascist elements manifested in some actions of the political group that currently occupies the presidency of Brazil, the critical responses of the artistic field - especially of the cartoonists - and the authoritarian response of the government. Then, the author brings existing elements in the Memorial and State Museum of Auschwitz-Birkenau and seeks to discuss the role of art as a way of maintaining the memory of the historical and political processes experienced in the military dictatorship (1964-1985) and to counter the movement of resistance against current neo-fascist groups in Brazil.

Keywords: Auschwitz. Brazil. Cartoon. Music. Neofascism.

Introdução

Na quinta-feira, 11 de junho de 2020, quando o número oficial de vítimas da COVID-19 atingia a marca de 41.058 mortes no Brasil, o presidente Jair Bolsonaro incitou seus seguidores nas redes sociais a invadir hospitais públicos e de campanha para verificar se os leitos estariam ocupados ou não, depois de levantar suspeitas quanto aos números crescentes de casos e vítimas de COVID-19 no país, alegando que estariam inflados por motivações políticas (cf. Uribe 2020). Como efeito disso, sem dúvida, ocorreram invasões de instalações hospitalares, o que configura crime, além de representar risco tanto para pacientes e profissionais de saúde, como para os próprios invasores, que podem se contagiar e, em seguida, transmitir o vírus para outras pessoas.

É um exemplo da grave situação em que se encontra nosso país, desgovernado em plena pandemia. A falta de limites do grupo que ocupa o poder executivo é tão inusitada que acontece, pela primeira vez, uma interferência direta do campo¹ político em questões de saúde pública, passando por cima das autoridades médicas, desrespeitando normas e diplomas legais, subvertendo a lógica do campo científico, como não se vê em nenhum outro lugar no mundo. A manifestação do ocupante da cadeira presidencial é uma inversão completa da avaliação científica dos dados oficiais, pois é público e notório o fato de que o Brasil, neste momento o segundo país do mundo em número de casos e de mortes, está entre os países que menos fazem testes em sua população, então os números oficiais certamente refletem uma considerável subnotificação, de acordo com um dos mais renomados cientistas brasileiros, o médico Miguel Nicolelis (cf. Feix 2020; Grilo 2020). Talvez sejamos, hoje, o epicentro mundial da pandemia.

Contudo, este é apenas mais um entre os inúmeros crimes e absurdos cometidos por esta figura política alçada ao poder executivo em um processo eleitoral tumultuado, manipulado e altamente questionável. Embora tenham surgido vários protestos e críticas à incitação feita pelo presidente, tanto por atores do campo político como do setor da saúde, na imprensa alternativa e na imprensa tradicional, o gesto crítico que mais irritou

¹ Utilizo o conceito de campo tal como estabelecido na teoria dos campos, de Pierre Bourdieu: um campo é um microcosmo social, universo relativamente autônomo de produção, que se orienta segundo leis específicas, por critérios que lhe são exclusivos, de maneira que seus atores nele interagem de forma relativamente livre em relação às forças mais gerais do espaço social. Quanto mais autônomo é um campo em determinado momento de sua história, menor será a força de fatores externos, heterônomos, menos direto será o efeito de tais forças no decurso da realização dos objetivos do campo; já os campos dotados de autonomia precária, como campos ainda em constituição ou em decadência, serão mais vulneráveis às injunções externas e sofrerão fortes efeitos de fatores heterônomos, estranhos à suas especificidades. (cf. Bourdieu 2004 21-22, passim). As posições dos atores no interior de determinado um campo, em dado momento de sua história, são dinâmicas, dependem de condições objetivas e subjetivas, relativas ao diferentes tipos de capital acumulado por cada ator, o capital econômico, o capital cultural, o capital social e o capital simbólico, além de formas mais específicas de capital, como o capital científico, estético, político, religioso, etc.

o executivo veio justamente do campo da arte, pelos traços de Renato Aroeira, na sua charge "Crime continuado", publicada no dia 14 de junho no Portal Brasil 247. A charge despertou a ira do presidente a tal ponto que o ministro da Justiça, André Mendonça, chegou a anunciar que a Polícia Federal e a Procuradoria-Geral da República iriam instaurar um inquérito com base na Lei de Segurança Nacional (uma reminiscência do regime militar) para investigar o chargista. Não há outra palavra para isso que não seja censura.

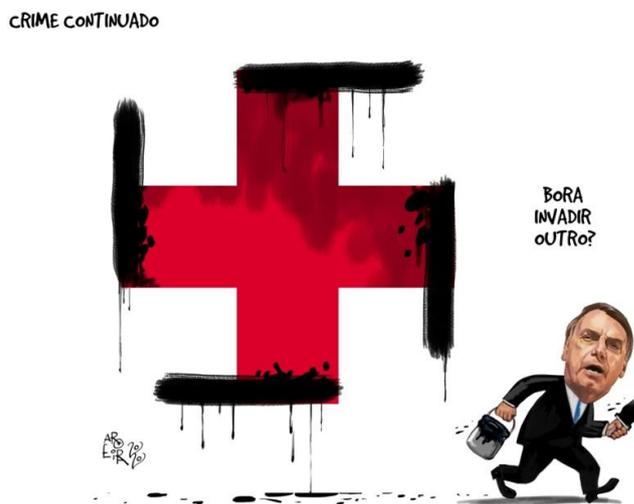


Figura 1: Charge "Crime continuado"
Fonte: Aroeira (2020). Reprodução sob autorização.

O que ocorreu em seguida foi uma enorme onda de solidariedade ao artista, começando pelo movimento "Charge continuada", em que vários chargistas reproduziram, com seus próprios traços e características, a charge original, acompanhado da hashtag @somostodosaroeira.² Seguiram-se abaixo-assinados e várias manifestações de instituições de apoio a Aroeira, além de outras charges, no Brasil e no exterior e, ao que parece, o tal inquérito não chegou a se materializar, configurando-se mais como uma forma, reprovável, de intimidação.

O título "Crime continuado" dá margem a várias interpretações, e não faltam mesmo atores do campo jurídico a elencar uma série de crimes de responsabilidade que o atual mandatário vem cometendo sucessivamente desde sua posse, que por si só já seriam suficientes para justificar um *impeachment*. Porém, o traço mordaz de Aroeira, ao transformar a cruz vermelha em suástica, toca no aspecto mais importante, a meu ver, pois revela que a longa lista de crimes e impropérios se cobre com o manto do nazifascismo. Estes traços fascistas antecedem sua eleição (cf. Bianchini 2018), pois se refletem no próprio lema de campanha – "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos" –

² Conferir no Instagram, em <https://www.instagram.com/somostodosaroeira/?hl=pt-br>.

de óbvia semelhança com a máxima hitlerista "*Deutschland über alles*" ("A Alemanha acima de tudo", em uma tradução livre).

Porém, mesmo depois de empossado, e, portanto, sendo nada menos que o representante máximo do Estado, ele e seu grupo continuam a reiterar frases, gestos e símbolos nazifascistas. Em fins de julho de 2019, o presidente cancelou uma visita agendada com o Ministro de Negócios Estrangeiros da França, Jean-Yves Le Drian, para em seguida ir cortar o cabelo com exibição pública, com um corte "a la Hitler", o que foi imediatamente criticado nas redes sociais (cf. *Catraca Livre* 2019). Em 16 de janeiro de 2020 o então recém-empossado secretário especial de Cultura, Roberto Alvim, gravou um discurso parafraseando o ministro da propaganda do III Reich, Joseph Goebbels, utilizando também uma estética parecida com a propaganda nazista (cf. *Leitão* 2020). Foi exonerado, mas muitos outros sinais se sucederam, indico aqui apenas alguns. No dia 08 de maio deste ano, um grupo de apoiadores saudou o presidente estendendo o braço, como faziam os nazistas na saudação a Hitler (cf. *Revista Fórum* 2020) e no dia 29 do mesmo mês o presidente e dois membros do governo tomaram copos de leite no meio de um audiovisual, algo inusitado, que alguns estudiosos identificam como um símbolo de movimentos neonazistas e de supremacistas brancos (cf. *Rocha*, 2020).³ A isto se somam estudos que demonstram o crescimento de grupos neonazistas no Brasil, acentuado com os sinais do ocupante da cadeira presidencial (cf. *Alessi and Hofmeister* 2020; *Meteoro Brasil* 2020).

É provável que para a maioria dos habitantes do Brasil a ideia de nazismo ou fascismo soe um tanto difusa, associada a um passado distante em uma Europa longínqua. Excetuando-se, talvez, aqueles que se sensibilizam com obras da literatura e do cinema, só mesmo quem estuda o fenômeno do nazifascismo tem uma ideia clara do perigo que nos ameaça. Embora tivesse certa consciência do risco que corremos, confesso que minha percepção se aprofundou depois da oportunidade de visitar o Memorial e Museu Estatal Auschwitz-Birkenau, na Polônia. Estive lá em 20 de julho de 2019. Foi uma experiência impactante e dolorosa, mesmo em um sábado ensolarado, em um espaço lotado de turistas. Imagino que agora o cenário deve ser ainda mais desolador, em tempos de pandemia e de isolamento social.

Durante aquela semana, havia participado do Congresso Anual da Associação Internacional de Bibliotecas, Arquivos e Centros de Documentação Musical (IAML), em Cracóvia, que reuniu centenas de musicólogos, arquivistas e bibliotecários de música de várias partes do mundo (o congresso de 2020, que iria se realizar em Praga, neste mês de julho, foi adiado para 2021, devido à pandemia). No sábado anterior, a caminho do

³ Observe-se que, na véspera, em 25 de junho de 2020, começaram os protestos contra o assassinato de George Floyd pela polícia de Minneapolis, nos EUA, país venerado pelo presidente, que também é submisso ao governo Trump, como revelam várias de suas ações, entre as quais a mais grotesca tenha sido bater continência para a bandeira norte-americana, no início de 2019.

congresso, passei uma noite em Varsóvia e pude visitar um monumento que a cidade construiu, em 2008, em homenagem às vítimas do chamado Gueto de Varsóvia. Não existe mais o muro, apenas uma faixa ornamental marca o lugar em que antes um trecho do muro separava os judeus do resto da humanidade, ou seja, dos nazistas e dos demais cidadãos silentes, impotentes diante do avanço do processo de segregação e genocídio.



Figura 2: Faixa memorial em trecho do muro do antigo Gueto de Varsóvia.⁴

Em Varsóvia, era inevitável pensar no belo filme *O pianista*, de Roman Polanski, a que várias vezes assisti com minhas turmas da disciplina Música e Cinema, no Curso de Produção Cultural da UFF. Seu roteiro foi baseado na autobiografia de Władysław Szpilman, um relato emocionante, em primeira pessoa, de um músico judeu sobrevivente da perseguição nazista na Polônia. Li o livro, depois de assistir ao filme várias vezes, e penso que é uma adaptação excelente (igualável à que fez Jean-Jacques Annaud do romance *O nome da rosa*, de Umberto Eco). Ambos se suplementam e são boas fontes para entender o triste processo que, em poucos anos, levou à destruição total de várias partes da Europa e do mundo, ao assassinato em massa de centenas de milhares de pessoas, ao pesadelo nazifascista que só terminou em 1945 com a derrota do chamado III Reich. As cenas finais do filme de Polanski, mostrando ruas inteiras de Varsóvia em ruínas, são um retrato do que pode acontecer em qualquer lugar onde o fascismo se insinua.

Na sexta-feira, 19, havia feito uma comunicação científica no congresso da IAML, ao final da qual denunciei, para colegas de várias nacionalidades, a destruição da cultura e da ciência no Brasil e minha preocupação quanto ao futuro de nosso trabalho na área da musicologia e do patrimônio musical brasileiro. As pessoas ficaram tão chocadas com o fechamento do Ministério da Cultura, com os cortes no orçamento das universidades públicas, com o fim das políticas públicas para a cultura e para as artes, que as perguntas, logo depois da comunicação, foram mais voltadas para a situação política de nosso país do que sobre as questões teóricas que abordei (e nem cheguei a mencionar problemas que fogem à minha área temática, como o desmatamento recorde na Amazônia, o aumento da

⁴ Todas as fotografias utilizadas neste artigo foram feitas pelo autor (figuras 2 a 12 e figura 14).

violência contra etnias indígenas e quilombolas, o aumento da fome e dos moradores de rua nas cidades brasileiras, o nepotismo despuadorado ou as várias declarações estapafúrdias de ministros do atual governo, que naquela altura já eram inúmeras). Uma das pessoas da plateia perguntou: mas porque eles querem fechar as universidades? Levei dois segundos para responder: "Só existe uma palavra para isso. Fascismo". Mas naquela altura ainda não conhecia Auschwitz. Foram muitas as menções de apoio e de solidariedade, que, é bom dizer, se somaram a outras que já tinha ouvido desde o início daquela semana, no Congresso da IAML. Não estamos sozinhos.

Auschwitz

Então no sábado, ao invés de fazer um passeio pela Cracóvia musical – sim, tanto Cracóvia como Varsóvia são cidades muito ligadas à tradição musical ocidental – resolvi, por sugestão de uma colega portuguesa, visitar o Memorial e Museu Estatal Auschwitz-Birkenau, que fica a cerca de 70 km de distância de Cracóvia. Reconheço que, a princípio, pensei em não ir, pois a ideia de passar meu último dia na Polônia em um campo de concentração não pareceu muito boa. Felizmente, mudei de ideia. Auschwitz é o nome que os nazistas deram à cidade de Oświęcim (nome quase impronunciável para mim, como a maioria das palavras em polonês). Como informa o Guia publicado pelo Museu, que tem tradução para várias línguas, inclusive para o português:

Fundado no ano de 1947, o Museu e Memorial abrange a superfície do antigo campo de Auschwitz I (20 ha) e de Auschwitz II-Birkenau (171 ha). A excepcionalidade deste lugar deve-se a de ter sido o maior campo de concentração de Extermínio, sendo o único campo antigo conservado, a um nível tão elevado, de acordo com ser estado original. Aqui encontram-se, por exemplo, terrenos com cinzas humanas; ruínas de câmaras de gás; lugares onde as famílias judaicas esperavam pela morte; locais de execuções; também é possível ver uma das mais chocantes provas do crime: cerca de duas toneladas de cabelos de mulheres, que foram cortados das vítimas (Memorial 2016, 4).

O que antes era um campo de concentração nazista é hoje um local turístico de fácil acesso, com muitas opções de passeios. Um gigantesco museu a céu aberto, com várias exposições em instalações internas. Na verdade, existiu mais de um campo de concentração em Auschwitz, dos quais somente os dois acima mencionados foram preservados no Memorial. Mas houve um terceiro campo, próximo às fábricas onde se praticava o trabalho forçado – Auschwitz III-Monowitz – e dezenas de subcampos nas proximidades (Memorial 2016, 7).

Primeiro, visitei Auschwitz II-Birkenau. Não é preciso ser judeu para se sentir na pele de alguém perseguido pelo nazismo ao passar pelos portões de Auschwitz-Birkenau. Não é difícil imaginar o que significou para milhares de pessoas a chegada ao corredor central, chamado de "a rampa", onde ainda estão os trilhos que levaram os trens da morte.



Figura 03: Portão de Auschwitz II – Birkenau (à direita, detalhe da placa ao lado do portão esquerdo).

Estão ali, apesar da tentativa desesperada de destruição das provas, todas as evidências da barbárie nazifascista. É possível ver também alguns dos barracões onde ficaram aprisionados milhares de homens, mulheres e crianças que chegavam de várias partes da Europa, para se submeter a uma triagem que poderia levar ao trabalho forçado, ao papel de cobaia dos experimentos do Dr. Josef Mengele⁵ ou do Dr. Carl Clauberg, ou diretamente às câmaras de gás, quando não à simples execução sumária. No fundo do campo de Birkenau ainda estão as ruínas das instalações de extermínio, das câmaras de gás e crematórios, parte delas no subterrâneo. Foram demolidas pelos próprios nazistas durante a retirada do exército de Hitler em 1945, na tentativa de apagar os vestígios de seus crimes de lesa-humanidade. Há também um monumento às vítimas do holocausto, sempre visitado por uma longa fila de pessoas, com flores e homenagens, como acontecia naquele momento e acabei registrando em fotografia. Imagino que neste período de pandemia deve estar vazio.



Figura 4: Monumento em homenagem às vítimas do Holocausto.

⁵ Josef Mengele, conhecido como o “Anjo da morte”, abusou de cobaias humanas em Auschwitz entre 1943 e 1945, como atestam vários relatos, e fugiu da Alemanha para a América do Sul em 1949 (cf. Lepiarz & Maj 2020). Em que pese a falta de estudos mais aprofundados, até onde se sabe, Mengele morreu no Brasil, em Bertioiga, no litoral de São Paulo, em 1979, sem ter sido condenado por seus crimes.

Depois fui conhecer o campo de Auschwitz I, onde fica o portão com a frase cínica e cruel "*Arbeit macht frei*" (que podemos traduzir livremente como "o trabalho liberta"). Ali ficavam um número menor de prisioneiros, especialmente os trabalhadores nas fábricas próximas. Então vi, pela primeira vez, o que está por trás daquele portão de Auschwitz, que antes só tinha vislumbrado nas telas e nos livros. É o horror do holocausto fartamente documentado, na própria cena do crime.



Figura 5: O mais famoso portão de Auschwitz com a frase cínica e cruel "*Arbeit macht frei*".⁶

Há hoje uma série de exposições, é bom ir com tempo para aproveitar a oportunidade. Não tentarei descrever o que vi ou senti em detalhes, mesmo porque a experiência de estar ali e perceber o espaço, os edifícios, muros e portões, as ruas e becos, as cercas e guaritas, é simplesmente insubstituível.



Figura 6: Cercas de Auschwitz I.

Pode-se passar um dia inteiro e ainda assim não conseguir ver tudo, mas há um roteiro básico que certamente levará aos pavilhões onde se podem ver milhares de objetos pessoais das vítimas de Auschwitz, deixados pelos nazistas em 1945. As exposições de

⁶ Cabe notar que no dia 10 de maio de 2020 a SECOM – Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, sob o comando de Fábio Wajngarten, fez uma alusão a esta frase em um audiovisual institucional, algo que foi logo denunciado na imprensa, inclusive na Alemanha (cf. Revista Fórum, 2020). A própria Confederação Israelita do Brasil repudiou a declaração (cf. Deutsche Welle, 2020).

documentos, fotografias e obras de arte produzidas no campo de concentração à época complementam a experiência.

É impossível não se revoltar vendo as roupas de milhares de crianças, sapatos de todos os tamanhos e formatos, óculos, pentes, escovas, as próprias malas, muitas delas com os sobrenomes das famílias pintados em branco nas laterais. Mas uma das coisas mais chocantes é ver as toneladas de cabelos femininos cortados antes de alguma seção de extermínio, que provavelmente teriam sido utilizados nas fábricas de perucas em 1945, não houvesse sido derrotada a máquina moedora nazifascista. E há também as próteses arrancadas das vítimas de Auschwitz antes de serem assassinadas.



Figura 7: Próteses antes utilizadas pelas vítimas de Auschwitz.

Tudo ali é aterrorizante. O forro de palha onde dormiam os recém-chegados. As latrinas. Os uniformes listrados com as insígnias de identificação. O muro dos fuzilamentos. A saleta de “juízo” dos “criminosos”. As instalações de experimentos científicos com cobaias humanas. As latas do pesticida Zyklon B usado nas câmaras de gás para assassinar os prisioneiros. Sim, as câmaras de gás tinham como elemento principal um pesticida, aliás, tecnologia de ponta, à época. E desde 2019 o governo bolsonarista tem liberado uma quantidade absurda de pesticidas de efeitos altamente nocivos, alguns proibidos na Europa e em outras partes do mundo. É inevitável comparar uma situação à outra, por mais que pareçam distantes ou diferentes, no lugar e no tempo, e me passa pela cabeça a pergunta: alguém pretende nos exterminar? O campo científico – e a universidade – precisa continuar a autocrítica iniciada no período seguinte à 2^a Guerra Mundial, quando a humanidade se assombrou com o poder bélico dos artefatos atômicos. Será que não conseguiremos mudar esse modelo de ação política, que tem óbvias ligações com interesses comerciais e econômicos? Temos que dar um fim à corrida armamentista. Temos que dar um fim à indústria do veneno. O campo político e o campo econômico não podem ser as únicas vozes nesse debate.



Figura 8: Latas que continham o pesticida Zyklon B, usado nas câmaras de gás de Auschwitz.

Auschwitz é um lugar de morte e violência – necropolítica – que assusta também pela sofisticação, expressa nos documentos detalhados da disciplina militar com que se fizeram os assassinatos, com a frieza envernizada de matizes “científicos”. E cabe observar que ali não foram assassinados apenas judeus, mas também prisioneiros políticos – comunistas –, ciganos e pessoas homoafetivas, todos diferenciados por insígnias, sinais distintivos, como mostra o quadro reproduzido abaixo. Na primeira linha, veem-se triângulos coloridos (a estrela de David foi utilizada para distinguir judeus até a segunda metade de 1944, sendo então substituída pelo triângulo), o vermelho para os “prisioneiros políticos”, o preto com uma letra Z para ciganos, o rosa para homoafetivos, o verde para “criminosos”, entre outros.



Figura 9: Quadro com as marcas distintivas dos prisioneiros de Auschwitz.

Uma das facetas pouco conhecidas é a violência contra os negros na Alemanha nazista. Não encontrei nenhuma menção a isso em Auschwitz, mas a Enciclopédia do Holocausto traz um artigo que registra a perseguição aos cidadãos afrodescendentes na Alemanha nazista. Não só aqueles nascidos na Alemanha, sobretudo na região da Renânia, foram perseguidos. Até mesmo a trompetista e cantora norte-americana Valaida Snow, que estava na Dinamarca realizando uma turnê, foi presa em 1941, permanecendo

em Copenhagen até ser libertada em maio de 1942, quando retornou aos EUA (cf. Enciclopédia do Holocausto, 2018).

Arte e resistência

Uma das exposições, no pavilhão 11, é inteiramente dedicada à resistência em Auschwitz. À medida que começavam a chegar pessoas de outras partes da Europa, com maior diversidade e número, ficava mais difícil, para os nazistas, reprimir o movimento de resistência, que foi sempre implacavelmente vigiado e punido em Auschwitz. Dois expoentes do movimento, o militar polonês Witolt Pilecki e o padre católico Maksymilian Maria Kolbe, são homenageados em uma das salas. Neste mesmo pavilhão, em uma das solitárias no subsolo, o Padre Kolbe morreu de inanição. A resistência foi importante para manter a chama que levou à sobrevivência muitos dos prisioneiros e, após a derrota dos nazistas, em 1945, para impedir a destruição das provas dos crimes cometidos em Auschwitz, apesar das tentativas dos criminosos nazistas de fazê-lo.

Havia resistência em Auschwitz. E havia arte. Logo à entrada, pouco antes do portão "*Arbeit macht frei*", à sua esquerda, há um desenho de Wiczyslaw Kościelniak, um dos sobreviventes de Auschwitz, que retrata uma cena cotidiana do campo de concentração: um grupo de músicos toca enquanto trabalhadores voltam de um dia de trabalho pesado (no canto à esquerda os músicos, no canto à direita vê-se um grupo de trabalhadores a carregar um companheiro, talvez à beira da morte pela fome e pelo cansaço).



Figura 10: Gravura representando grupo de músicos tocando no retorno dos prisioneiros ao campo.

Logo adiante, uma fotografia de época mostra a orquestra que frequentemente tocava ali, aos domingos, formada por prisioneiros, como acontecia em outros campos de concentração nazistas. Segundo o Guia do Memorial,

A diretoria do campo de Auschwitz, em 1941, também concedeu a permissão para a criação de uma orquestra masculina, formada inicialmente por prisioneiros políticos polacos e depois, por prisioneiros de outras nacionalidades, inclusive judeus. A orquestra masculina em Auschwitz I, tocava músicas de marchas diante do prédio da cozinha [...] Do ponto de vista dos nazis, a música no campo cumpria vários papéis úteis, principalmente corrigia a disciplina nas marchas, durante as saídas dos comandos para os trabalhos e durante a volta [...]. Também fazia parte das funções da orquestra a apresentação de concertos, geralmente aos domingos, para os membros das SS; às vezes também para os prisioneiros. Existiam orquestras masculinas nos campos de Auschwitz I, Auschwitz II-Birkenau e Auschwitz III-Monowitz, assim como em alguns sub-campos. A única orquestra feminina tocava no campo para mulheres, em Birkenau. (Memorial 2016, 12).

Existe um testemunho de uma das participantes da orquestra feminina de Auschwitz-Birkenau, Fania Fénelon, cujo livro deu base ao filme *Amarga Sinfonia de Auschwitz (Playing for time)*, de Arthur Miller. Este filme, embora sem o requinte do filme de Polanski, representa bastante bem o cotidiano do campo de concentração e as funções da orquestra e da banda femininas, ao mesmo tempo em mostra que havia uma relação ambígua entre o oficialato nazista, as musicistas e os demais prisioneiros de Auschwitz, que as viam como protegidas dos oficiais e, de certa forma, como cúmplices. A cena final mostra Fania, na interpretação de Vanessa Redgrave, cantando *La Marseillaise*, o hino libertário francês, com a voz debilitada pelo estado de fraqueza e doença, quando era libertada de Auschwitz. A Marselhesa, simbolicamente, representa um brado antinazista e foi utilizada como tal em uma cena clássica do cinema hollywoodiano: a “guerra” dos hinos, quando no Rick’s, o famoso bar de Casablanca, o grande herói da resistência, Victor Lazlo, ao ouvir um grupo de nazistas tocando um hino alemão, puxa o hino francês e é logo seguido por todos, os músicos da orquestra e os demais fregueses começam a cantá-lo, derrotando, simbolicamente, o pequeno coro nazista.

A musicologia vem estudando os usos e funções da música há tempo, e poderíamos sem grande dificuldade encontrar outras funções nas práticas musicais testemunhadas em Auschwitz entre aquelas estudadas por Alan Merriam (1964, 209 e ss.), inclusive – por que não? – a de fruição estética. Acabo pensando novamente, ao ver estas imagens, nas cenas finais do filme de Roman Polanski, em que o oficial alemão reconhece, pela música, um ser humano no pianista judeu. Será que, a despeito da crueldade nazista, a música ajudou na resistência de Auschwitz? Creio que sim. Será que a música poderá nos ajudar a sobreviver ao regime bolsonarista? A reconstruir o Brasil dos escombros, quando não ficar “pedra sobre pedra” ou antes que isso aconteça? Espero que sim. Trabalho para que sim.



Figura 11: Fotografia registra a orquestra tocando no campo de Auschwitz, em 1941.

As fotografias de época em Auschwitz lembram também as que ficam em exibição no *Anti-Kriegs-Museum* (Museu Anti-Guerra), em Berlim, que o seu fundador, o alemão Ernst Friedrich, expôs já em 1925 para denunciar o horror da Primeira Guerra Mundial. São fotografias fortes, de pessoas mutiladas pelas armas, pela violência da guerra, ou seja, a fotografia como arte e como registro histórico, como denúncia, ainda nos seus primórdios. Lá também há uniformes das vítimas de campos de concentração, artefatos bélicos e muitos outros documentos históricos do período nazista. Não surpreende o fato de que o *Anti-Kriegs-Museum* tenha sido destruído pela SA nazista em 1933, sendo reaberto em Berlim somente em 1982. É mantido por um grupo de voluntários e, embora pequeno se comparado a Auschwitz, é um importante marco do movimento pacifista. Vale a pena visitá-lo, assim como outros monumentos berlinenses que trazem ao presente a memória do passado trágico que foi o nazifascismo. Próximo ao Portão de Brandenburgo, por exemplo, fica a casa do pintor Max Liebermann, vítima de primeira hora do nazismo em Berlim. Em sua fachada, havia, em maio de 2019, uma grande faixa vertical com a frase “Cultura para fortalecer a democracia”.



Figura 12: O Anti-Kriegs-Museum (Museu Anti-Guerra), em Berlim.

O campo artístico não é um campo “puro”, “neutro”, como a abordagem do sociólogo Pierre Bourdieu revela, pois a arte, o gosto estético, liga-se visceralmente ao jogo da distinção social. Ele encontrou, através de sua análise, duas formas básicas de consumo de bens culturais ou “gostos”, que são opostas entre si: os gostos de luxo, das classes dominantes, e os gostos de necessidade, das classes dominadas, que se formam pela estruturação do *habitus* próprio de cada classe, justamente pelo maior ou menor grau de desprendimento das necessidades imediatas. Para ele, também na arte, tudo funciona por esquemas classificatórios incorporados nas estruturas cognitivas pela própria estruturação das formações sociais, que permitem a construção de um senso comum que, por sua vez, gera formas de aproximação ou distanciamento dos bens culturais legitimados pelas classes dominantes, isto é, conjuntos de esquemas de percepção inscritos no *habitus* das diversas classes sociais:

Matriz de todos os lugares-comuns que não se impõem tão facilmente a não ser porque tem a seu favor toda a ordem social, a rede das oposições entre alto (ou sublime, elevado, puro) e baixo (ou vulgar, insípido, modesto), espiritual e material, fino (ou requintado, elegante) e grosseiro (ou rude, obsceno, bruto), leve (ou sutil, esperto, hábil) e pesado (ou lento, espesso, obtuso, inábil), livre e forçado, amplo e estreito ou, em outra dimensão, entre único (ou raro, diferente, distinto, exclusivo, excepcional, singular, inaudito) e comum (ou ordinário, banal, corrente, trivial, insignificante), brilhante (ou inteligente) e embotado (ou obscuro, apagado, medíocre), tem como princípio a oposição entre a ‘elite’ dos dominantes e a ‘massa’ dos dominados (Bourdieu 2007, 436).

Assim, é a classe dominante que define, ainda que negativamente, o jogo das posições das classes menos supridas de capital econômico e cultural. Jessé Souza observa, ao analisar o espaço social brasileiro, que, para eufemizar a dominação social,

Até o muito rico e poderoso tem que possuir um tipo de capital cultural quase sempre ligado ao gosto estético para que possa ter acesso a relações importantes com seus pares – em uma espécie de solidariedade de privilégio – que são fundamentais para o bom andamento dos negócios. O gosto estético é a praia de todo privilégio que se pretenda vender como inato mais do que qualquer outro. Afinal, ele parece exalar da própria personalidade. (Souza 2017, 94).

Porém, à medida que as condições subjetivas e objetivas de apropriação e fruição dos bens simbólicos possam ser cada vez mais distribuídas para pessoas cuja posição é desigual, a arte pode não só contribuir para o processo de construção de um espaço social mais igualitário, para a formação de uma consciência dos processos sociais de produção, mas para evitar que o jogo social seja menos sujeito a condicionantes inconscientes e, portanto, facilmente manipuláveis. A arte pode servir como meio de resistência política na medida em que se constitui como meio de educação, de sensibilização, de formação e informação crítica. Isso pode se encontrar na família, na escola, mas também em um museu, em uma canção, em uma charge.

Para resistir

Pelo exemplo do Memorial e Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau, podemos ver que a arte, a cultura e a ciência são fundamentais para superar os períodos de obscurantismo e violência, como o que hoje vivemos no Brasil. É um bom exemplo da função de certo tipo de museu, espaço privilegiado do campo cultural. Não é por acaso que no seu primeiro dia, 1º de janeiro de 2019, o governo atual extinguiu o Ministério da Cultura e o transformou em uma secretaria especial, inexpressiva, ocupada por pessoas despreparadas (nem vem ao caso entrar em maiores detalhes, mas é importante lembrar que, como mencionamos, um dos ocupantes deste cargo chegou a “parafrapear” Goebbels). Não é por acaso que as agências de fomento à pesquisa – sobretudo nas áreas das humanidades – foram paralisadas e tiveram cortes drásticos de orçamento. Não é por acaso que as universidades públicas estão sob ataque. Não é por acaso que autoridades do primeiro escalão tentam intimidar o chargista Aroeira. Estamos sob o jugo de um governo autoritário, que trabalha com o ódio e quer eliminar o pensamento crítico, em todas as suas manifestações.

Ainda nos anos 1990, o atual mandatário já se manifestava publicamente a favor da ditadura militar, uma atitude criminosa, de desrespeito à Constituição de 1988. Mas ninguém parece tê-lo levado a sério, como não levaram a sério Hitler na Alemanha de 1933. Bolsonaro também elogiou publicamente torturadores da ditadura militar – incluindo o perverso Brilhante Ustra – e não recebeu sequer uma advertência. Um de seus filhos chegou a dizer publicamente que apoia um novo Ato Institucional nº5, marco da ditadura militar (que, aliás, levou um cartunista a ser preso, em 1968, pelo simples ato de fazer seu ofício, o cartunista Ziraldo). Tudo isso traz, portanto, à memória nosso passado trágico, tão trágico como Auschwitz, embora não exista no Brasil nenhum museu, nenhum movimento mais substantivo destinado a manter a memória dos crimes cometidos, da violência de estado, da violência física e da violência simbólica que sofremos como nação e como sociedade cidadã.

A Lei da Anistia, infelizmente, jogou para baixo do tapete os traços de autoritarismo e acabou permitindo que muitos criminosos continuassem impunes, muitas vezes ainda com seus cargos públicos e agindo subterraneamente, como atesta o depoimento do ex-delegado Cláudio Guerra (cf. Caetano 2019; Guerra 2012). Não é por acaso que ainda existe muitíssima tortura na ação policial no Brasil, geralmente tolerada. Não é por acaso que a segurança pública no Brasil é um problema histórico, que remonta às raízes coloniais, quando uma elite branca usava as forças policiais para perseguir maiorias subjugadas e manter um equilíbrio frágil nas tensões sociais, o que se agravou com uma “abolição” dos povos escravizados que representou um verdadeiro crime de lesa-humanidade, e, ao longo da história da república, resultou em um *apartheid* legitimado por paradigmas sociológicos equivocados, supostamente modernizantes,

como o “culturalismo” (que supostamente superava o racismo científico que predominou até a década de 1920), que, no final das contas traz implícito o aspecto principal de todo racismo: “a separação ontológica entre seres humanos de primeira classe e seres humanos de segunda classe” (Souza 2017, 18). No caso do Brasil, esse processo produziu um contexto social de enorme violência, uma classe de pessoas humilhadas, desprovidas de capital econômico e, sobretudo, de capital cultural, portanto, incapazes de sair do jogo opressor, preparadas para serem continuamente exploradas (cf. Souza 2017, 100, 170, *passim*). Este arranjo social, que o sociólogo Jessé Souza analisou minuciosamente, conduziu milhões de pessoas brasileiras a situações de privação e miséria que facilmente se podem comparar aos campos de concentração, porém com uma carga enorme de violência simbólica que ainda hoje sobrevive no *habitus* brasileiro, sobretudo nas classes dominantes, legitimando relações de subserviência e de exploração econômica do trabalho das classes dominadas, incluindo, obviamente, as classes médias, mas sobretudo o que o autor identifica como sendo, para as classes dominantes, a “ralé sub-humana”.

A própria falta de ação deste governo autoritário quanto à pandemia do coronavírus equivale a um ato genocida, pois sem dúvida afetará de maneira brutal as parcelas menos favorecidas da sociedade brasileira, sobretudo a “ralé sub-humana”. Já começam a surgir denúncias de que o vírus se alastra de maneira agressiva no sistema penitenciário e nas comunidades mais pobres, enquanto o país continua sem um Ministro da Saúde desde o dia 15 de maio. E, não por acaso, igualmente sem um Ministro da Educação desde o dia 19 de junho, quando Abraham Weintraub fugiu para os Estados Unidos, provavelmente devido ao processo em andamento no Supremo Tribunal Federal, no qual é suspeito de ligação com movimentos de “fake news”, de desacato ao tribunal e ameaças aos ministros e suas famílias. Mas Weintraub também está sendo processado por racismo, por declarações contra o povo chinês.

É inevitável refazer a pergunta do grupo Legião Urbana, nos idos anos 1980: Que país é esse? Se a nossa música, a nossa arte e a nossa cultura ainda têm força de resistência, por outro lado vivemos um momento ainda mais trágico e triste do que aqueles tempos em que o neoliberalismo apenas começava a mostrar suas garras. Hoje, assistimos a destruição do país que começou a ser construído no início deste século 21, não apenas em termos materiais, mas também em termos simbólicos. Os ricos recursos naturais são vendidos, novamente, a preços baixos. As conquistas sociais são desmanteladas com a cumplicidade do legislativo e do judiciário. O Estado de Direito balança a ponto de fragilizar-se profundamente, no jogo das instituições.

A tortura que o atual governo promove em termos simbólicos se reflete em cenas grotescas como a aparição, no dia 26 de junho, junto ao presidente e ao seu Ministro da Economia (um neoliberal e colaborador notório da ditadura Pinochet), do Presidente da Embratur, Gilson Machado Neto, cantando um arremedo desafinadíssimo da Ave Maria de Bach-Gounod, acompanhando-se (ou tentando fazê-lo) ao acordeon, em “homenagem

aos que se foram”, isto é, às vítimas do coronavírus. Um vexame internacional. Se essa pandemia nos priva hoje da companhia e da música de artistas de altíssimo nível como a maestrina Naomi Munakata e o compositor Aldir Blanc,⁷ eles merecem uma homenagem à altura, assim como todas as demais vítimas, e não esse quase deboche, que, aliás, virou piada em muitas partes do mundo. O genial Aroeira, uma nova charge, de 27 de junho, denuncia com fino humor a nossa trágica situação.



Figura 13: Charge “Torturando um instrumento inocente”
Fonte: Aroeira (2020). Reprodução sob autorização.

O trabalho refinado de Aroeira (além de artista gráfico, ele também é músico) representa a tortura do instrumento – que se torna, nas mãos erradas, um instrumento de tortura, ao menos no sentido estético – e a citação de um dos quadros da série “O grito”, de Edvard Munch, representa ao mesmo tempo o sofrimento do instrumento inocente e de nós, ouvintes/expectadores, com toda a angústia que a cena causa.

Quando estava escrevendo uma primeira versão deste artigo, li a notícia, acima mencionada, de que Bolsonaro havia cancelado uma audiência com o ministro francês para cortar seu cabelo “a la Hitler”. Então tudo se encaixou com inevitável clareza. Depois se seguiram os diversos sinais acima tratados. É absurdo o pesadelo fascista em que fomos colocados por uma máquina de mentira e manipulação, de guerra híbrida, movida pela grande imprensa brasileira – especialmente a Rede Globo – e por mídias sociais como Facebook e Whatsapp, mas também por parte do parlamento e do judiciário, como mostra o escândalo chamado de “Vaza-jato”, corajosamente denunciado pelo jornal *The Intercept* Brasil (cujo efeito, porém, foi menor que o esperado). A cada dia fica mais claro que atores do sistema judiciário manipularam a opinião pública em conluio com a grande mídia, colocando na prisão, sem provas e atropelando o devido processo legal, o candidato que disparava em primeiro lugar nas eleições de 2018 e dando palanque ao personagem

⁷ Um ponto a comemorar é a aprovação da chamada “Lei Aldir Blanc”, de autoria da deputada federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ), que, não sem surpresa, foi aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente Bolsonaro, como Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020. Ela destina nada menos que 3 bilhões de reais para trabalhadores e empresas do setor cultural, sem dúvida um dos primeiros setores a sentir os efeitos da pandemia, e provavelmente o último a sair da situação atual de isolamento social.

grotesco e violento que hoje destrói o Brasil, inclusive pela ineficiência genocida diante da ameaça brutal da pandemia. E, além disso, há evidências da participação de interesses transnacionais, particularmente do governo estadunidense, como revelou recentemente a Agência Pública de Jornalismo Investigativo (cf. Viana, Fishman & Saleh 2020). Que mundo é esse? E não me refiro aqui, claro, ao coronavírus.

Espero que esse pesadelo não nos leve a uma barbárie semelhante à de Auschwitz. Mas só mesmo a barbárie pode querer destruir universidades e institutos de pesquisa, destruir as políticas culturais, entregar riquezas econômicas e simbólicas, destruir conquistas civilizatórias, negar a ciência e a cultura. Por isso, devemos agradecer a todos que tornaram possível a manutenção do Memorial e Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau, para que nunca esqueçamos o que se passou ali. No pavilhão 5, onde está a maior parte das provas dos crimes, os objetos pessoais, as toneladas de mechas de cabelos femininos e tudo o mais que mencionamos, há logo na porta principal, uma frase do filósofo espanhol George Santayana: "Aqueles que não se recordam do passado estão condenados a repeti-lo".

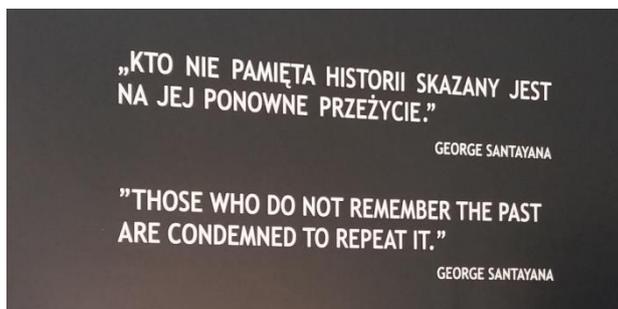


Figura 14: Frase exibida na porta principal do pavilhão 5 de Auschwitz I.

Não podemos esquecer o que aconteceu na Europa no período do nazi-fascismo e não podemos esquecer o que houve no Brasil com o golpe civil-militar de 1964. Escrevi a primeira versão deste artigo em agosto de 2019, quando estava em Portugal, realizando, através de uma bolsa da CAPES, um Pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa (algo quase impossível nos tempos de hoje, já que o atual governo não mais considera importante fomentar a pesquisa na área das humanidades e das artes). Mesmo sem publicá-lo, foi uma forma de me juntar às manifestações estudantis de 13 de agosto daquele ano. Infelizmente, o artigo não perdeu sua atualidade e é, portanto, além de uma reflexão acadêmica, uma forma de contribuir para a crítica dos sinais autoritários, além de expressar indignação e somar esforços aos movimentos que foram às ruas de todo o Brasil em defesa da educação, da ciência e da cultura; que foram às ruas para protestar contra o desmonte da soberania brasileira e das conquistas sociais e econômicas que obtivemos com a nossa jovem democracia. Protestar contra a entrega dos recursos econômicos e simbólicos de nosso país, contra a destruição do ensino público e da universidade pública. Reforçar a luta dos movimentos que se arriscaram nos últimos domingos enfrentando grupos neofascistas. E resistir.

Referências

- Alessi, Gil, and Naira Hofmeister. 2020. "Sites neonazistas crescem no Brasil espelhados no discurso de Bolsonaro, aponta ONG". *El País*, June 9, 2020. <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html>.
- Aroeira, Renato. 2020a. "Crime continuado". *Brasil 247*, June 14, 2020. <https://www.brasil247.com/charges/crime-continuado>.
- _____. 2020b. "Torturando um instrumento inocente". *Brasil 247*, June 27, 2020. <https://www.brasil247.com/charges/torturando-um-instrumento-inocente>.
- Bermussa, R., and Sarde A.; Polansky R. 2002. *The Pianist*. Produção de Robert Bermussa, Alain Sarde e Roman Polansky, direção de Roman Polansky. USA, R. P. Productions. DVD, 142 min. color. son.
- Bianchini, Lia. 2018. "Bolsonaro é fascista? Listamos 13 frases do candidato para reflexão". *Brasil de Fato*, October 17, 2018. <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/17/bolsonaro-e-fascista-listamos-13-frases-do-candidato-para-reflexao>.
- Bourdieu, Pierre. 2004. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*, translated by Denise Catani. São Paulo: Editora UNESP.
- _____. 2007. *A Distinção: crítica social do julgamento*, translated by Daniela Kern and Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk.
- Caetano, Bruna. 2019. "Cláudio Guerra: o pastor que assassinava e queimava corpos na ditadura militar". *Brasil de Fato*, March 15, 2019. <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/15/claudio-guerra-o-pastor-que-assassinava-e-queimava-corpos-na-ditadura-militar>.
- Catraca Livre. 2019. "Web vê semelhança entre Hitler e Bolsonaro cortando os cabelos". *Catraca Livre*, Redação. <https://catracalivre.com.br/cidadania/web-ve-semelhanca-entre-hitler-e-bolsonaro-cortando-os-cabelos/>.
- Deutsche Welle. 2020. "Confederação Israelita repudia mensagem do governo que remete a lema nazista". <https://www.dw.com/pt-br/confederação-israelita-repudia-mensagem-do-governo-que-remete-a-lema-nazista/a-53403487>
- Eco, Umberto. 2009. *O nome da rosa*. São Paulo: Record.
- Eichinger, Bernd, Franco Cristaldi, and Jake Eberts. 1986. A. *O Nome da Rosa* (Der Name der Rose). Produção de Bernd Eichinger, Franco Cristaldi e Jake Eberts, direção de Jean-Jacques Annaud. Alemanha, Itália, França, Constantin Film. 130 min. color. son.
- Enciclopédia do Holocausto. 2018. "Os Negros Durante o Período do Holocausto". The United States Holocaust Memory Museum. <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/afro-germans-during-the-holocaust>.
- Feix, Miguel. 2020. "Miguel Nicolelis: Vamos viver algo que nunca imaginamos na história do Brasil. E isso, nas proporções que vamos ver, não era inevitável". *GaúchaZH*, May 15, 2020. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/05/miguel-nicolelis-vamos-viver-algo-que-nunca-imaginamos-na-historia-do-brasil-e-isso-nas-proporcoes-que-vamos-ver-nao-era-inevitavel-cka89uqyt004j015n5u44sr42.html>.
- Fénelon, Fania, and Marcelle Routier. 1979. *The musicians of Auschwitz*. London: Sphere Books.

- Grilo, Elizabeth. 2020. "Miguel Nicolelis: há uma subnotificação muito grande de casos de Covid-19 no Brasil". *Tribuna do Norte*, April 5, 2020. <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/miguel-nicolelis-a-ha-uma-subnotificaa-a-o-muito-grande-de-casos-de-covid-19-no-brasila/476703>
- Guerra, Cláudio. 2012. *Memórias de uma guerra suja. Em depoimento a Marcelo Netto e Rogério Medeiros*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Leitão, Matheus. 2020. "Secretário de Cultura sabia que frases eram de Goebbels, dizem assessores". *G1 Política*, January 17, 2020. <https://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/2020/01/17/secretario-de-cultura-sabia-que-frases-eram-de-goebbels-dizem-assessores.ghtml>
- Lepiarz, Jacek, and Agnieszka Maj. 2020. "Josef Mengele, o Anjo da Morte de Auschwitz". *UOL Notícias*, January 27, 2020. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/01/27/josef-mengele-o-anjo-da-morte-de-auschwitz.htm>.
- Mann, Daniel, Linda Yellen, and Arthur Miller. 1980. *Playing for time*. Produção de Daniel Mann, Linda Yellen, Arthur Miller, direção de Daniel Mann e Joseph Sargent. EUA, Szygzy Productions. DVD, 150 min. color. mono.
- Memorial e Museu Estatal Auschwitz-Birkenau*. 2016. Guia. Trad. Mauro Longaretti Kraenski. Oświęcim: Państwowe Muzeum Auschwitz-Birkenau.
- Merriam, Alan P. 1964. *The Anthropology of Music*. Evanston: Northwestern University Press.
- Meteoro Brasil*. 2020. O neonazismo no Brasil. <https://www.youtube.com/watch?v=2vFK3hqvHXY>
- Miranda, Eduardo. 2019. "Desemprego à vista: Bolsonaro dá fim ao Petrobras Cultural". *Brasil de Fato*, February 21, 2019. <https://www.brasildefatorj.com.br/2019/02/21/desemprego-a-vista-bolsonaro-da-fim-ao-petrobras-cultural>
- Revista Fórum*. 2020. "Apoiadores de Bolsonaro fazem gesto que lembra saudação nazista ao presidente". <https://revistaforum.com.br/politica/apoiadores-de-bolsonaro-fazem-gesto-nazista-para-o-presidente/>
- Rocha, Lucas. 2020. "Copo de leite: Bolsonaro usa símbolo nazista de supremacia racial em live". *Revista Fórum*, May 29, 2020. <https://revistaforum.com.br/politica/copo-de-leite-bolsonaro-usa-simbolo-nazista-de-supremacia-racial-em-live/>
- Souza, Jessé. 2017. *A elite do atraso: da escravidão à Lava jato*. Rio de Janeiro: Leya.
- Szpilman, Władysław. 2003. *O Pianista*, translated by Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro: Record.
- Uribe, Gustavo. 2020. "Bolsonaro estimula população a invadir hospitais para filmar oferta de leitos". *Folha de São Paulo*, June 11, 2020. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/bolsonaro-estimula-populacao-a-invadir-hospitais-para-filmar-oferta-de-leitos.shtml>
- Viana, Natalia, Andrew Fishman, and Maryam Saleh. 2020. "Como a Lava Jato escondeu do governo federal visita do FBI e procuradores americanos". *Agência Pública*, March 12, 2020. <https://apublica.org/2020/03/como-a-lava-jato-escondeu-do-governo-federal-visita-do-fbi-e-procuradores-americanos/>
- Wallis, Hal B., and Jack L. Warner. 1942. *Casablanca*. Produção de Hal B. Wallis e Jack L. Warner, direção de Michael Curtiz. EUA, Warner Bros. 102 min. son.